

Relato do 3º Encontro de Formação da Equipe do Termo de Colaboração 880200/2018 entre Iphan e a Rede Fitovida realizado de 13/03/2020 a 15/03/2020 em Itaipuaçu, Maricá, Rio de Janeiro.

Participaram deste terceiro encontro os seguintes membros da Rede (as listas de presença seguem anexas):

Região Baixada: Elisabeth da Cruz Marins (Coordenadora Técnica), Maria das Graças Correia Gomes (Referência Cultural) e Marcia Andréa Nonato (Coordenadora Regional);

Região Norte: Catarina das Graças Chagas (Referência Cultural), Valéria Barros Costa (Agente do Conhecimento Tradicional em Plantas Medicinais Jovem), Yan Vieira Ramiro da Silva (Agente do Conhecimento Tradicional em Plantas Medicinais Jovem) e Viviane Ramiro Silva Martins (Coordenadora Regional);

Região São Gonçalo: Alaíde Francisca dos Santos (Referência Cultural), Carolina Paula dos Reis Resende (Referência Cultural), Everaldo Nunes de Oliveira (Referência Cultural), Elaine Aguiar Caetano (Agente do Conhecimento Tradicional em Plantas Medicinais Jovem), e Rosa dos Santos Batista (Coordenadora Regional);

Região Serrana: Eurídice Emília Mota Carreiros (Referência Cultural), Ianielle Moreno dos Santos Delfino (Agente do Conhecimento Tradicional em Plantas Medicinais Jovem), Maria Luiza da Silva Campos (Referência Cultural), Miriam Marino da Silva Schuenck (Coordenadora Regional), Maria Elvira da Silva (Referência cultural) e Vanici Schuenck Macário (Agente do Conhecimento Tradicional em Plantas Medicinais Jovem);

Região Sul: Hilda da Silva Oliveira (Coordenadora Regional), Larah Silva Loures (Agente do Conhecimento Tradicional em Plantas Medicinais Jovem).

IPHAN: Juliana Bezerra (COIDE/DPI), Ivana Medeiros Cavalcante (COIDE/DPI), Joseane Brandão (CLC/DECOF) e Letícia Ribeiro (IPHAN - RJ).

Convidada Fitovida: Luciana Carvalho (UFOPA)

Estiveram ausentes: Maria Matilde de Jesus Santos (Referência Cultural) da Região Baixada porque estava comemorando 78 anos e sua família veio de outro estado para comemorar seu aniversário; Alcimaro Honório Martins (Agente do Conhecimento Tradicional em Plantas Medicinais Jovem) da Região Norte por motivos de trabalho e Devanir (Referência Cultural) da Região Sul que estava com compromisso nesta data;

Dia 13/03

O Encontro foi iniciado com um pouco de atraso. Regina apresentou os objetivos do Encontro e foi feita uma apresentação dos participantes. Depois cada região passou a descrever seu trabalho cotidiano e suas especificidades: a oficina de ervas de Queimados; o projeto Raízes de Barra Mansa que tem sua sede num Posto de Saúde; a região Serrana que se reúne em escolas, casas e quintais e faz remédios caseiros com material doado e distribui na comunidade, também relataram os cuidados em ensinar a plantar e plantar com a comunidade. Beth deu destaque para a Sra Eurídice que mora

em Rio das Ostras, mas vai de 15 em 15 dias para uma paróquia de Teresópolis, onde morava, para atender com o Método da Bioenergética e fazer e distribuir remédio caseiro (“quem pede é o organismo”); São Gonçalo ressaltou que tem se reunido mensalmente, mas Sr. Everaldo demandou que se reúnam mais vezes para fazer remédio caseiro e distribuir, pois tem sido difícil conseguir continuar com esse trabalho nos últimos meses. Entretanto, Elaine ressaltou que outras referências da região têm conseguido produzir e distribuir os remédios caseiros, mas reconhece que tem sido mais difícil atender a comunidade por conta da violência urbana na região. Dona Alaíde referiu que evangélicos têm recusado os produtos e se referem a eles pejorativamente como “macumba” e jogam fora os remédios doados.

Depois foram distribuídas, lidas e explicadas por Juliana Bezerra (DPI/ IPHAN) as perguntas guias para o Manual a serem trabalhadas em grupo por cada região e Regina questionou se havia dúvidas. As atividades nesse dia foram encerradas, encaminhando-se que os grupos se reunissem a noite para iniciar os debates sobre as perguntas do guia.

14/03

Logo no início dos trabalhos os grupos das regiões se reuniram para discutir as questões propostas para a construção do Manual. Segue abaixo uma síntese das discussões dos grupos:

Grupo da Região Serrana (acompanhado por Joseane)

Realizam oficinas internas em espaços da Igreja e em casa. Fazem produtos para doação e quando eles vão acabando marcam novo encontro. Elas consideraram os encontros para fazer os remédios caseiros como oficinas internas, pois ali se transmite conhecimento dentro da própria rede.

Já as oficinas externas foram realizadas em escolas.

Em relação a como lidar com as plantas “perigosas”, Dona Eurídice deu o exemplo do aveloz que por ser considerada perigosa, ela não passou a receita nem para a Sra Luiza, só ela faz. Sra. Luiza confirmou e disse que coisas que elas não conhecem muito ou têm medo, elas não indicam a ninguém e não passam a receita adiante. Nesse caso, só os mestres fazem a receita e indicam. Elas também disseram que é preciso muito cuidado com as receitas na internet.

Elas afirmam que para participar da Rede é preciso praticar o conhecimento. O site deve ser público porque o saber sobre as plantas não é só da Rede. Mas acham que o cadastro e um documento que estabeleça um compromisso e identifiquem os participantes da Rede são importantes.

Grupo da Região Baixada (acompanhado por Letícia)

Sobre a proposta do Termo de Compromisso do Voluntário, enfatizaram que existem casos em que é justo haver remuneração, para despesas como (alimentação, material de limpeza, utensílios, entre outros). Há pessoas que dedicam grande parte do seu

tempo à Rede (secretários, organizadores), trabalhando sempre de forma voluntária sendo esse um dos princípios da Rede.

Acreditam que a finalidade da Rede é a divulgação do conhecimento. Deve-se ter o cuidado de responsabilizar as pessoas de fora pelos usos que fazem desse conhecimento após se afastarem da Rede. Quem for fazer pesquisa tem que ter autorização da Rede para fazê-la e para divulgá-la.

Sugeriram que houvesse uma carteirinha de membro da Rede, que poderia fazer distinções entre membro ativo e colaborador. Para acessar informações sobre ervas tóxicas e venenosas no site, consideraram importante cadastrar o acesso apenas para quem tivesse essa carteirinha.

A transmissão de conhecimentos interna à Rede é feita nas reuniões, mas também por telefone e redes sociais. Externamente, o principal local de transmissão é nas escolas. O trabalho realizado é compartilhado com os demais integrantes da Rede através de Relatórios e fotos.

Foi enfatizado que, ao produzirem os remédios caseiros, sempre há um momento para pedir orientações a Deus.

Sobre o cuidado em relação aos “estranhos” à Rede, consideraram importante, mas acharam a ideia de um pacto entre os integrantes muito pesada, restringindo demais as trocas, que consideram importante para o trabalho da Rede.

Grupo da Região São Gonçalo (acompanhado por Ivana)

O grupo tem a particularidade de realizar reuniões mais “teóricas” do que práticas, o que é lamentado pelo Sr. Everaldo. No entanto, todos dizem que fazem seus medicamentos e ensinamentos em casa, individualmente, e entendem que partilhar a informação também é uma troca, transmissão e atualização do conhecimento. Deu ênfase que deve ser respeitado o modo de fazer de cada um e entender que a transmissão e os ensinamentos são dinâmicos. Sobre os participantes da Rede, falaram que muitos agentes são pesquisadores e fazem cursos para se aprimorar. Sobre a colaboração de agentes externos, destacaram que precisam, sobretudo, em relação à parte burocrática, além de doações e serviços. Destacaram que esperam que as pessoas ajudem a difundir os conhecimentos, mas que tenham um comportamento correto e “não queiram crescer pra cima da rede”. Sobre o acesso ao conhecimento, acham importante ter algum tipo de identificação para saber quem está obtendo a informação, usaram de exemplo o cadastro no site do SUS, para se obter informações. Ressaltaram que as pessoas não podem sair usando imagens sem autorização e que a Rede precisa estar informada. Para aperfeiçoar a comunicação da Rede, sugeriram colocar no site a agenda dos grupos e relatos de como foi feito e como foi a experiência.

Grupo da Região Norte (acompanhado por Juliana)

O grupo iniciou o debate pelas perguntas acerca dos usos indevidos, especialmente sobre as “posições de sugar” de pessoas que se aproximam da rede quando lhes é útil.

Trouxeram para o debate a possibilidade de criação de identificação (como uma carteirinha) ou algo semelhante que possa mostrar quem é da Rede, uma lista de participantes. Fizeram um paralelo com as feiras agroecológicas, uma vez que o grupo é da região de Campos e possuem relação com os movimentos sociais da região. Mencionaram que nas feiras, quem não possui produto agroecológico e vende, acaba “queimando” quem é, no sentido de prejudicar a sua. Mencionaram a necessidade de não se estabelecer uma lógica do policiamento, entretanto. Que seria importante resgatar os princípios do grupo (cartilha de princípios e documentos já existentes) e prezar pelo trabalho voluntário e pela tolerância religiosa, antirracista. Em um certo momento, solicitaram momento para debate a sós entre os membros da região.

11h - Debate com Luciana Carvalho acerca dos Protocolos de Consulta e Consentimento.

Luciana Carvalho expôs ao grupo sua experiência na realização dos primeiros inventários no Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular - CNFCP/IPHAN, bem como sua colaboração em ações de salvaguarda do Iphan no Pará. Mencionou também sua experiência nos últimos anos com a construção de protocolos para consulta prévia, livre e informada. A Convenção 169 da OIT não foi regulamentada no país, mas foi assinada pelo Brasil. Os protocolos são sempre amparados em legislação.

Ela afirma que tem atuado em contextos de muitos conflitos e que, pelo menos por enquanto, não se parece com o contexto de atuação da Rede.

Ela afirma que nos casos em que ela atuou os protocolos tinham a função de proteção de conhecimentos tradicionais e comunidades e seus modos de vida, além de auxiliarem na resolução de conflitos.

Para estabelecer esses protocolos o grupo deve pensar em questões como:

- Como deve ser a consulta?
- Como são tomadas as decisões? (maioria? Conselho de anciãos?)
- Quais devem ser os procedimentos para a consulta, consentimento e decisão.
- O que deve ser objeto de consulta?
- O que deve ser objeto de consentimento? (projetos e pesquisas, por exemplo).

Luciana esclareceu que cada situação de pesquisa se articula com uma legislação específica relativa ao que se quer pesquisar. Pesquisas com seres humanos precisam passar por comitês de ética das Universidades que costumam solicitar que o pesquisador apresente um termo de consentimento livre e esclarecido. Afirma que o pesquisador tem que deixar claro o que vai fazer com a informação coletada.

Ela observa que quanto mais o nome Rede Fitovida fica conhecido e visível, mais é preciso preservar o nome da Rede. Sugeriu a pesquisa de uma marca coletiva: será que ajuda para as finalidades da Rede?

No debate do grupo sobre esse assunto destacaram-se os seguintes pontos:

- Hilda referiu que na Região Sul um voluntário fez comércio com remédios produzidos no contexto Rede por isso ela afirma que é necessário algum tipo de controle para aquele que quer ser voluntário na Rede que pressuponham sempre a boa fé e o bem comum;
- Marcia afirmou que na Baixada há pessoas da Rede dando cursos na Universidade com conteúdo da Rede e cobrando por isso; algumas pessoas veem o retorno financeiro, se afastaram da Rede e foram ser acupunturistas, terapeutas de bioenergética, mas acabam usando o nome da Rede. Ela também se preocupa com as pesquisas, pois muitas vezes pessoas chegam no grupo e vão fazendo perguntas, entrevistas e até filmagens. Perguntam como começamos, como colhemos, os procedimentos, mas não fica claro que é uma pesquisa. Importante que quem seja parte da Rede reafirme seus princípios que são a confiança, o bem comum, o resgate cultural e a conservação da natureza.
- Dona Alaíde ficou preocupada com a discussão e questionou se pode formar um novo grupo ou usar o nome da Rede caso ela mude de município, perguntou como ela deve proceder, sendo uma referência na Rede;
- Viviane ressaltou que não querem também engessar a Rede, nem “para dentro” e nem “para fora”, que a Rede tem documentos como a Cartilha de Princípios e o Protocolo Comunitário que apresenta e define quem é a Rede. Afirma que no cotidiano há um trabalho voluntário de “mexer panela”, do uso coletivo, do testemunho, da presença, dimensão afetiva e compromissos espirituais. A força do trabalho é justamente circular conhecimentos. O que precisa ser amadurecido é como lidar com os outros e como estabelecer parcerias.
- Beth informou que uma das coisas que definiram na época do Protocolo Comunitário é que não querem a repartição de benefícios. Nesse ponto, Luciana observou que até para isso são necessários procedimentos claros, “quem, como e com que procedimentos a Rede iria recusar a repartição de benefícios? Como seria tomada ou como foi tomada essa decisão?”
- Beth e Regina falaram da Assembleia da Rede. E Regina propôs a indicação de nomes para a atuação na Comissão Executiva da Rede, que seria um grupo com mais legitimidade para esse tipo de discussão e tomada de decisão.
- Algumas sugestões que apareceram durante o debate: carteirinha para quem faz parte da Rede, documento de cadastro e autorização para quem colabora.
- A preocupação geral foi a de não haver um excesso de restrição às trocas, e ao mesmo tempo ter cuidado para que a Rede não seja responsabilizada por maus usos desse conhecimento por pessoas “de fora”.
- No momento a preocupação não é o acesso aos conhecimentos, até porque estes se enquadram em direito difuso, mas o uso do nome da Rede. Nesse sentido, o recurso legal que melhor poderia interessar seria o registro de Marca.

Respostas dos grupos e debate sobre o Manual.

Sugestão de **nomes para o Manual**: Manual Prático da Rede; Manual da Memória da Rede Fitovida; Guia do Conhecimento Tradicional; Guia da Identificação.

Depois no debate concordaram que o nome deve ter a cara da Rede e o que ela faz. E que não devia ter a palavra nem Manual e nem Guia.

Questões 2 e 3 – tópicos a serem tratados no Manual:

- Princípios da Rede
- Trabalho voluntário
- Serviço não remunerado
- Com coração, sem lucros
- Modos de fazer
- Atendimento fraterno, na base da conversa
- Relação dos grupos com as comunidades
- Ferramentas organizativas: Oficinas, partilhas, agendas
- Quem somos
- Experiências, receitas
- Como usar as plantas
- Fotos
- Rezas, experiências
- normas de organização em comum
- organização segundo as regiões.

Questão 4

Para dentro (grupos) e para fora (jovens, escolas, comunidades, assentamentos).

Questão 5

Referências culturais – mestres; Agente do conhecimento tradicional – nos grupos. Alguns grupos falaram de lideranças locais, profissionais de saúde e educação como colaboradores.

Questão 6

- não usar o nome da Rede indevidamente. Conhecimento, responsabilidade, compromisso e parceria. Os colaboradores precisam ter princípios parecidos com os da Rede: bem viver, cuidar da natureza e dos outros (Serrana);
- As referências mesmo sem grupos estão sempre ligadas a Rede (Norte);
- Responsabilizar individualmente por uso fora de Rede; um documento de não propagar o nome da Rede sem o conhecimento das referências;
- Pesquisa precisa de autorização da Rede;
- É bom cadastro no site, cadastro –login;
- As decisões ocorrem nas assembleias e encontros;
- Pedir formalização por escrito para Rede ou grupo – identificação – carta de compromisso. Assinar tem uma responsabilidade;

- Hilda (Barra Mansa) falou que no Projeto Raízes trabalham com um caderno de registro dos voluntários com nome, objetivo, endereço e assinatura; “Cada grupo tem seu modo de trabalhar”;
- Em relação ao termo de compromisso de trabalho voluntário a maioria achou que poderia haver um termo com os princípios da Rede. Observar a finalidade do voluntário;
- Falaram também que há uma observação “informal” do novo voluntário que entra em um grupo.

Questão 7

- Autorização do que pode ou não ser feito;
- Uso coletivo, voluntário;
- Discutir para o futuro.

Questão 8

- a) Partilhas, encontros, reuniões, telefone, rede social;
- b) Escolas, Igrejas, Universidades, Postos de Saúde;

Trocar informações é essencial. Foi feita a sugestão de cada grupo fazer sua agenda de 2 ou 3 meses para ser divulgada dentro da Rede.

Questão 9

Documentação:

- Plantas, receitas, como usar, como plantar, colher, usar transmitir, os lugares usados e de que forma, os cuidados com “espécies perigosas”, rezas, práticas, o que pode ser partilhado;
- Questões religiosas/espirituais. Em relação a palavra religiosa ou espiritual, houve debate. Quem defendeu a palavra espiritual argumentou que se relaciona com o que cada pessoa acredita, a ideia de espiritualidade vai da força de cada um que independe de religião;
- Viviane ressaltou cuidados com o uso da palavra “macumba” de forma pejorativa ou “de brincadeira”. Para ela “brincadeira é coisa séria e isso se chama racismo recreativo”;
- Foi ressaltado que é necessário que fique claro que a natureza do trabalho são práticas de cura e saúde;

Questão 10

- Algumas pessoas acharam a ideia de pacto muito pesada;
- Acham que o Manual pode ajudar a se proteger de “oportunistas”. É preciso ter cuidado com estranhos e mau uso dos conhecimentos da Rede e do nome da Rede. As referências devem ser respeitadas. É preciso saber quem é a pessoa, de onde vem, o objetivo do contato com a Rede;

- Algumas pessoas acharam importante frisar que o Manual pode proteger, mas “sem correr atrás” de quem faz errado. Saber como não responsabilizar a Rede indevidamente, mas sem deixar de difundir e partilhar;
- Também afirmaram que as pessoas não podem ficar agressivas, na defensiva e que o Manual será um documento para a posteridade;
- Relataram que antes as pessoas tinham medo de dar entrevistas, falar das ervas e hoje elas valorizam e difundem seus saberes e não podem ficar de novo com medo de conversarem e falarem sobre isso;
- Luciana explicou que o pacto seria um acordo de todos seguirem certos princípios e diretrizes. Como fazer isso? Há alguma homogeneidade nos procedimentos?
- Caso haja um documento de autorização, foi sugerido que cada Coordenação tivesse uma cópia desta autorização.

15/03

Debate sobre o conteúdo da Cartilha, avaliação, descrição de oficinas.

Região Norte

- Recurso viabilizou as oficinas (logísticas, combustível, material) permitindo uma atuação mais abrangente como região.
- Projeto, Livro Sementes, INRC – são esforços de sistematização e de comunicar para fora da Rede. Para dentro muitas referências não dominam a escrita e têm outras linguagens. Daí acham importante o uso de fotos, de audiovisual. E que a sistematização do Manual tem o desafio de considerar o que já foi construído.
- Todo esforço de sistematização, seja Manual ou cartilha deve considerar: escrevendo para quem? Que valores? Que comunicar para quem?
- O projeto também possibilitou parcerias locais, foi importante para comunicar, construir e amadurecer como Rede;
- Comunica Farol – jovens que querem mostrar o potencial da comunidade – uso de ervas, xarope de coco, os remédios do mar – outras práticas;
- Acham importante o Manual ter outras linguagens além da escrita, fotos etc.

Região São Gonçalo

- Projeto colaborou com transporte, alimentação e com as oficinas;
- O público jovem é muito importante e acham que foi atingido pelo projeto;
- Pensam agora em fazer oficinas iguais, mas nas igrejas.

Região Serrana

- Muitas referências têm medo de se mostrar ou falar em público;
- Projeto colaborou com transporte, alimentação e com as oficinas;
- A região tem comunidades rurais importantes então a questão do plantar sempre foi fundamental. As oficinas foram diferentes em áreas urbanas e áreas rurais;

- As oficinas foram marcadas pelas diferenças das regiões e isso tem que aparecer.

Região Sul

- Registro do conhecimento dos quintais;
- Medicamento, oração, boa energia.
- Projeto colaborou com transporte, alimentação e com as oficinas;

Região Baixada

- Oficinas são boas com “mão na massa”;
- É preciso aprender a registrar as receitas em fotos tb.
- Projeto colaborou com transporte, alimentação e com as oficinas;

Todas as Equipes Regionais tiveram problema com a assinatura da autorização de imagens, então acham que a cartilha não vai poder ter fotos de alunos nas Oficinas.